



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Tathata — Lisboa • Telefone 12

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ETERNO TÊMA

MUNIÇÕES
PARA "A BATALHA"

Até aqui, o amor tem sido considerado o eterno tema. Hoje tornou-se um assunto secundário, dado a pouca facilidade em uma pessoa arranjar dinheiro para se casar. Apenas os ricos pensam nisso, apenas para os endinheirados. O eterno tema subsiste. Para quem trabalhamos e suamos, o tema eterno, o que parece já não findar é a carestia da vida. Ela que nos someia, antes de cair, o cabelo de cans; é ela que constitui o pensamento único, irritante. Por mais que tentemos distrair-nos um pouco (o que se pode fazer sem o dinheiro), não podemos), por mais que sejemos arrastar o pensamento para assuntos agradáveis e reconfortantes, a carestia da vida, o racionamento, o único, o eterno tema, não nos deixa sossegar por só momento sequer.

Como havemos nós, o povo consumidor, sossegar se a cada momento nos veem dizer, anunciar, com um ar tam natural como duma vantagem se tratasse, e o bacalhau já se vende nalguns estabelecimentos a vinte eito reais, que a banha não se entra, assim como o açúcar, a manteiga, o carvão, o azeite, o óleo, etc.

Não há bom humor que resista a tais calamidades, nem paciência que se não esgotie, nem sono que se não dissipe.

Não tenhamos a menor dúvida, carestia da vida é o eterno tema. Se lhe juntarmos, porém, o racionamento da falta de habitações, nascendo-se mais alguma causa do eterno, se isso fosse possível!

Essa legião aumentará, aumentará sempre, corrompendo uma geração inteira.

O consumidor que não se agite, não reclame, e verá esse flagelo entrar-lhe em casa e arrebar-lhe as filhas! A quantos não terá já sucedido essa fatalidade tremenda?

A par destas, caem na lama aquelas que, vivendo na fome, vendos os seus lares desguarnecidos pela garra ávida do ponhorista, se deixam seduzir pelo brilho, pela riqueza dos novos endinheirados.

Deixem, deixem os consumidores o comércio à vontade, deixem que éles os entrem mais e mais na lama e nós veremos a seguir a corrupção dos homens. É dizer adeus às ideias nobres, é dizer adeus à pouca moralidade que ainda existe. E nós veremos, então, o homem vender as suas opiniões por um jantar, disputar ferozmente, numa luta desumana, a felicidade de possuir um ossuário para roer. Será o triunfo completo do egoísmo estreito.

Permitir que esta situação degredante vá a mais é criar um campo explodido onde a epidemia medrará.

A miséria leva o homem à ruína moral e física. Quantos não fentão esquecer depois, no vinho, a sua vida miserável? Teremos, então, além da prostituição, o alcoolismo, porque o álcool haverá sempre com abundância para embriagar o povo, para o tornar passivo e dócil.

O povo sabe bem onde a sua indiferença ante o que se está passando nos poderá conduzir; o povo consumidor sabe que tem a obrigatoriedade moral de reagir, de opor todos os obstáculos à onda de infâncias que se estão praticando.

Agora só lhe resta agir com energia, mostrando que não é conveniente nos últimos crimes da sociedade burguesa.

Contra o terror na Hungria

Centro Comunista de Lisboa

antecedeu uma sessão

de protesto

calizou-se antecedeu uma ses-

são de protesto

